

A representação do protagonismo homossexual masculino nas telenovelas do horário nobre da Rede Globo: revivendo os amores de Inácio e de Félix¹

Guilherme Moreira Fernandes²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever de forma comparativa os romances homossexuais de dois protagonistas de telenovelas da Rede Globo, exibidas no horário nobre. Trataremos dos amores de Inácio (Dennis Carvalho), da telenovela “Brilhante” (Gilberto Braga, 1981) e dos amores de Félix (Mateus Solano), da telenovela “Amor à Vida” (Walcyr Carrasco, 2013). Inácio e Félix são os únicos protagonistas homossexuais do principal horário de exibição de telenovelas (20-21h). Embora separados por mais de 30 anos, os personagens comungam experiências similares (rejeição dos pais, casamento de fachada, *happy end*), ainda que desenvolvidas com recursos narrativos distintos.

Palavras-Chave: Telenovela; Homossexualidade; Rede Globo.

Introdução

Embora o homossexualismo seja presença constante nas telenovelas globais desde o início da década de 1970, apenas dois personagens homossexuais masculinos podem ser considerados protagonistas de telenovelas da Rede Globo. O primeiro, Inácio, vivido pelo ator Dennis Carvalho, foi levado ao ar em 1981, na trama “Brilhante”, de Gilberto Braga. Mais de trinta anos depois, é a vez de Mateus Solano dar vida a Félix na telenovela “Amor à Vida”, de Walcyr Carrasco.

Os dois personagens, de forte empatia com o público, revelam duas sociedades brasileiras. “Brilhante” foi ao ar no período do Regime Militar Brasileiro (1964-1985), época de forte atuação da Divisão de Censura às Diversões Públicas (DCDP), em que os fatores “moral” e “bons costumes” eram decisivos para anular/censurar um personagem. “Amor à Vida” foi exibida em um momento também crítico e de necessária afirmação LGBT, embora em época de consolidação da democracia. Mesmo sem a atuação legal da censura, parcelas da sociedade brasileira se mostram cada vez mais intolerantes às minorias sexuais.

O objetivo deste artigo é narrar a trajetória desses dois personagens, tecer comparações entre ambos e mostrar como os autores conseguiram desenvolver personagens “protótipos” (TRINTA, 2008) na construção da identidade homossexual. Nossa proposta para o desenvolvimento deste texto será uma apresentação de ambos os personagens, justificando seu eixo dramático durante toda a trama. Contudo, para efeitos de análise utilizaremos apenas as falas contidas no último capítulo da trama.

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM-UFRJ). E-mail: gui_facom@hotmail.com.

Para “Brilhante”, pela dificuldade histórica, recorremos ao jornalismo impresso (notadamente o jornal “O Globo” e a revista “Amiga”). O primeiro e o último capítulo estão disponíveis na internet³. Além do mais, em nossa dissertação de mestrado (FERNANDES, 2012) dedicamos um capítulo especialmente a esta trama. “Amor à Vida”, mais recente, encontra-se ainda disponível no GShow⁴, portal de entretenimento da Rede Globo. Lá, guiados por nossa memória, podemos rever as principais cenas do folhetim.

Considerações sobre identidade homossexual e representação identitária na telenovela

Acreditamos que o trabalho de Berger e Luckmann (2009) representa um importante argumento para a construção de identidades e, ao mesmo tempo, reafirma as ideias de Michel Foucault (1988) sobre a construção da sexualidade. Berger e Luckmann defendem que a realidade é socialmente construída. O homem e a mulher partilham de diversos processos de interações sociais que são responsáveis pela produção de sentido (e também de autossentidos), o que culmina em cristalizações subjetivas de identidades⁵.

Os autores também apontam que a chamada realidade não pode ser dissociada dos processos de socialização primária (infância) e secundária (quando o indivíduo já está socializado) e que, a partir das interações, nessas fases de socializações, é possível perceber a realidade significando o mundo e nós mesmos.

Partindo do diagnóstico de que a realidade é apreendida e não institucionalmente defendida, cremos que a concepção de sexualidade proposta por Foucault (1988) dialoga com a sociologia do conhecimento. Foucault (1988) diz que a sexualidade deve ser vista como uma categoria de saber construída, em vez de uma identidade descoberta. O pesquisador ainda aponta que a sexualidade é percebida como um aspecto natural da vida humana que foi reprimido por instituições desde o século XVII. Assim, ao refutar a hipótese repressiva da sexualidade, o estudioso ressalta um momento histórico no século XIX quando não houve uma “proibição” de falar sobre a sexualidade, mas uma notável proliferação de discursos sobre a sexualidade. Para Foucault, a sexualidade não é

³ Primeiro: http://www.youtube.com/watch?v=7t-E_D_edzA;

último: <http://www.youtube.com/watch?v=DT6jMym54aY>.

⁴ <http://gshow.globo.com/novelas/amor-a-vida/index.html>.

⁵ Mesmo ciente das diversas críticas ao modelo da “construção social da realidade”, como as contestações de Hans Ulrich (2010, p. 85) que diz que “o construtivismo acaba por concluir que todas as realidades que partilhamos com os outros seres humanos são ‘construções sociais’. Contrariando, penso, as suas origens filosóficas, o construtivismo transformou-se hoje na crença trivial de que tudo, desde ‘sexo’ até ‘paisagem’, via ‘cultura’, está facilmente ao dispor da vontade humana de mudar – porque tudo não passa de ‘construção social’”. Ao mesmo tempo em que possamos concordar com o autor, pois acreditamos se tratar muito mais do que “vontade humana”, acreditamos na tese central da sociologia do conhecimento, especialmente na noção da veiculação da identidade com as fases de socialização primária e secundária. Também temos ciência das constantes críticas do modelo construtivista da identidade expresso pelos Estudos Culturais e também pelo Interacionismo Simbólico, contudo continuamos a crer em uma política de identidade que tem origem histórica e social.

uma característica ou fato natural da vida humana, mas uma categoria construída de experiências que não têm origens biológicas, e sim históricas, sociais, políticas e culturais.

A afirmação de uma identidade sexual (o dizer “eu sou gay”, “eu sou transexual” etc) é uma afirmação política: “a política de identidade concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado” (WOODWARD, 2007, p. 34). Desta forma, existe claramente uma marca de pertencimento, uma tomada de posição diante das normas sociais que reprimem a diversidade sexual.

Em virtude da marginalidade da homossexualidade, muitos gays e lésbicas preferem ficar, politicamente, no “armário”. Isso não significa, necessariamente, que eles e elas não se autoassumiram. Sabem da condição homossexual, porém preferem não a expor socialmente. A vivência da homossexualidade fica, desta maneira, limitada a guetos fechados (clubes, saunas etc) ou à intimidade de um quarto.

Há muito tempo a telenovela transpõe intimidades para a telinha. Conforme afirma Hamburger, “novelas deslocam conteúdos que pertenciam à esfera privada para o domínio público. Ao domesticar conteúdos afetos ao domínio público, operam também o movimento inverso, saturam o espaço público com temas e tratamentos convencionalmente restritos à intimidade”. (HAMBURGER, 2005, p. 169-170). Contudo, há um abismo entre a forma de representar a intimidade homossexual e a heterossexual. Cenas de homossexualidade masculina parecem ainda ser um tabu maior. Intimidade homossexual é privilégio para poucos personagens.

Ainda que saibamos da forma diferenciada do tratamento do amor heterossexual em relação ao homossexual, concordamos com Lopes (2009) ao explicitar o modelo teórico da telenovela como recurso comunicativo e ao expor que

O certo é que esses dramas nas novelas já não são lineares nem unilaterais mas, antes, bastante nuanceados e marcados por um movimento ambivalente de transgressão e conformismo. Com relação ao tema da discriminação racial e sexual, o tratamento vem sendo crescentemente informativo, antidogmático e a favor da tolerância e do respeito às minorias. Nesse sentido, a novela parece configurar-se como uma linha de força na construção de uma sociedade multicultural no Brasil. (LOPES, 2009, p. 28-29).

Certamente, as telenovelas abordadas neste estudo compactuam com o pensamento de Lopes, apresentando uma abordagem informativa e pedagógica, fazendo com que a audiência seja complacente com o personagem e torça por seu final feliz, mesmo que isso contrarie seus dogmas e pensamentos sobre a sexualidade.

A complexidade e amplitude da noção de identidades homossexuais revelam ainda uma dificuldade em níveis de representação. Trinta (2008) propõe um modelo de representação de

personagem baseado na tríade: arquétipos, protótipos e estereótipos. Sobre a concepção de personagens, o teórico aponta:

Neles radica a personalização de *valores* e a representação (completamente dramatizada) de *identidades*, oferecendo a milhares de telespectadores uma *fisionomia* sensível e uma *personalidade* assimilável, em relação às quais se verificam fenômenos (psicossociais) de *identificação* e de *projeção*. (TRINTA, 2008, p. 35-36, *grifo do autor*).

Para o estudioso, o arquétipo seria um modelo antecedente, como é o caso dos personagens Fausto, Fedra, Édipo e Madame Bovary. São personagens “alçados ao patamar de modelos de valência (e validade) universal” (TRINTA, 2008, p. 43). Em suma, personagens que a telenovela não é capaz criar, mas sim de reproduzir, diluídos ou não. Os protótipos são os personagens com “alto grau de typicalidade” que “afetam decisivamente o tratamento da informação, servindo, desde logo, de padrão estabelecido ao qual todo e qualquer dado novo deverá ser confrontado” (TRINTA, 2008, p. 44). Trinta (2008, p. 45) aponta Inácio, de Dennis de Carvalho, como protótipo e afirma que o personagem, no tocante à representação homossexual, “retirou-se a nota de dissenso e cessou a dissonância cultural”. Os estereótipos, por sua vez, “redundam em simplificação exagerada de características comportamentais específicas” e “tendem a incidir em generalizações indevidas, abusivas ou, no mínimo, prematuras” (TRINTA, 2008, p. 47).

Outra dificuldade teórica seria a própria definição de “protagonista” ou “núcleo protagonista”, especialmente quando incorporamos à análise o antagonista (vilão). A grande parte destas teorias advém de autores ligados ao teatro (BRANDÃO; FERNANDES, 2013), contudo há um consenso de ser o protagonista “o principal motor das histórias” (SADEK, 2008, p. 90). Ou seja, a partir (e com a ação de quem) gira a história. A amplitude de *plots* de uma telenovela faz com que personagens secundárias assumam o caráter de protagonistas em algum momento da narrativa. Por isso, preferimos a noção de “núcleo”, pois, assim podemos apontar mais de um personagem como o principal. De forma *stricto*, certamente seria Luísa (Vera Fischer) a protagonista de “Brilhante” e Paloma (Paolla Oliveira) a de “Amor à Vida”. Contudo, pela forma como a narrativa foi desenvolvida e pela amplitude que outros personagens ganharam, estamos certos que Félix protagonizou a novela de Carrasco e Inácio a de Braga.

O pioneirismo de Inácio: a telenovela Brilhante de Gilberto Braga

Como já citamos, Inácio, da telenovela “Brilhante”, foi o primeiro personagem masculino cuja homossexualidade foi problematizada na trama, ainda que de forma discreta. A telenovela girava em torno da família Newman, dona de uma importante indústria de fabricação de joias. Além de Inácio, faziam parte do núcleo protagonista a mãe, Chica (Fernanda Montenegro), o pai, Vitor,

(Mário Lago), a irmã, Isabel, (Renée de Vielmond) e o cunhado, Paulo César, (Tarcísio Meira). Outra importante figura na trama é Luísa (Vera Fischer), designer da Joias Newman.

Inácio nunca havia se interessado pela empresa, sabia que não era um “homem de negócios”. Por pressões familiares, acabou abandonando a carreira de pianista clássico e ocupando um dos cargos de diretor da indústria. Na véspera da estreia do folhetim, o autor Gilberto Braga revelou que de fato a telenovela começaria apenas no 18º capítulo, com o primeiro duelo verbal entre Chica e Luísa, sendo Inácio o motivo da discussão.

Inácio conheceu Luísa por acaso e uma grande amizade surgiu entre os dois. Tal feito levou Chica a almejar um casamento entre os dois. Luísa percebeu a real intenção do amigo, embora Chica tentasse convencer a moça a se casar com seu filho. O tal conflito entre Chica e Luísa, no capítulo 18º, que marca de fato o início da trama, acontece quando a designer diz à matriarca que não poderia se casar com Inácio. Chica ainda tenta “comprar” os familiares de Luísa e mostrar que a moça só tinha a ganhar com o casamento. Nos capítulos 34º e 45º outros dois duelos verbais foram travados, até que Luísa diz que Chica conhecia muito bem os motivos para não se casar, ou seja, “os problemas sexuais” do filho. A partir desse momento, Chica faz de tudo para tornar a vida de Luísa um inferno. Este conflito perdura até o último capítulo da trama.

Voltando um pouco na história, é interessante observar o artifício do autor para apresentar o personagem. Inácio protagonizou a maior cena do primeiro capítulo, com ininterruptos treze minutos e trinta segundos. Antes dessa cena, o nome de Inácio já havia aparecido em diálogos de Chica. Letícia (Rosita Thomaz Lopes), leva à amiga Chica o pedido de um colunista social: uma foto em família em homenagem ao dia dos pais. Inácio não comparece ao compromisso e Chica justifica que o filho estava viajando.

Inácio chega em casa bêbado, o som da buzina de seu carro incomoda especialmente o cunhado. Antes de entrar em casa Inácio quebra uma garrafa de uísque. Ao adentrar, esbarra em uma planta e cai no chão. Com dificuldades, entra no elevador e vai engatinhando até o quarto. Lá, pega o disco da ópera “Tristão e Isolda” e começa a ouvir. Chica vai ao quarto do filho e tenta descobrir o motivo do não comparecimento de Inácio à fotografia com o pai. Os dois começam a falar de trabalho, Inácio inverte a conversa e diz que gostaria de sentir o que Wagner sentiu para compor àquela ópera. Ao indagar por onde o filho andou, Inácio limita-se a responder: “Andei por aí... Ninguém... Mas ninguém mesmo que você conheça”.

O personagem foi apresentado como alcoólatra, de educação erudita e carente afetivo. Inácio sabia da sua condição homossexual, mas não lutou, neste momento, para ser aceito como tal. Desde a infância foi manipulado por Chica e Vítor, a bebida alcoólica era o seu escapismo. O vício de Inácio representa uma fuga à realidade que o cerca.

Em um ato de coragem, Inácio sai da casa dos pais para dividir apartamento com Sérgio (João Paulo Adour). Apesar da discrição discursiva, fica claro que ambos eram namorados. A entrada de João Paulo Adour no elenco de *Brilhante*, para dar vida a Sérgio, foi noticiado com destaque.

João Paulo Adour entra para o “cast” de “*Brilhante*” dividindo moradia com o personagem de Denis Carvalho que, cheio da influência da mãe, resolve sair de casa e **assumir** a dele. A entrada, em cena, de Adour, vai caracterizar mais ainda **o problema de Inácio**.

A propósito da entrada de Adour, antes de ser convidado para o papel ele recebeu um telefonema do autor, Gilberto Braga, explicando o personagem. Adour topou o convite sem constrangimento: “sou ator profissional, não me constranjo com os papéis” ele disse. (ANGEL, 10/11/81, p. 32)

A nota, publicada na coluna “Por Dentro da TV” de Hildegard Angel, com os grifos da própria colunista, rende interessantes análises. Se na telenovela, a homossexualidade era tratada nas entrelinhas, pois a censura não permitia que a palavra “homossexual” (e similares) fosse sequer pronunciada, o mesmo não fazia sentido no jornalismo, que falava, por vezes, abertamente sobre o assunto. Primeiramente Angel afirma que Inácio saiu da casa dos Newman para “assumir a dele”, por paralelismo podemos deduzir que seria “assumir a casa dele”, o que de fato aconteceu. Contudo, e com a evidência do negrito, o verbo “assumir” parece se referir, na verdade, à orientação sexual. Comumente, quando um homossexual revela sua orientação, diz-se que ele “assumiu”. Explicitamente na telenovela isso não aconteceu, mas ficou subtendido em alguns diálogos com Luísa. Posteriormente a colunista diz que Sérgio (o personagem de Adour) iria “caracterizar ainda mais o problema de Inácio”. Neste caso não cabe outra interpretação, o “problema” é claramente a homossexualidade. De certo, o personagem tinha outros “problemas”, como o alcoolismo, mas o único que poderia ser intensificado seria o de orientação sexual. Um possível preconceito foi novamente posto no discurso quando Angel dá a entender que um ator poderia se constranger ao interpretar um homossexual. Fato que realmente acontecia. Muitos atores recusaram dar vida a personagens exatamente pela condição homossexual deles. Não foi o caso de Adour, que afirmou não ter problema em interpretar qualquer tipo de personagem.

A edição de novembro de 1981 da revista “Sétimo Céu”, não se intimidou e usou claramente a palavra “homossexual”. Logo na página 3 havia, como destaque, o título “João Paulo Adour: homossexual é válido também” e a seguinte nota:

João Paulo Adour gostou muito de ser convidado por Gilberto Braga para fazer o *amigo* de Ignácio na novela *Brilhante*. Adour declarou que não se importa de fazer um papel tão ousado, pois leva a sério sua carreira e qualquer personagem é válido. Na novela, Ignácio é homossexual e vai dividir apartamento com o amigo decorador (João Paulo). A saída de

Ignácio da mansão dos Newman causou muito escândalo, e Chica (Fernanda Montenegro), inconformada com a situação, vai forçar um casamento do filho com Leonor (Renata Sorrah) para a sociedade não perceber as preferências sexuais do seu filho. (JOÃO PAULO ADOUR..., nov/81, p. 3).

A nota da revista qualifica tanto Sérgio (expresso no título) como Inácio como homossexuais. A palavra “amigo”, comumente usada para caracterizar a relação de Inácio e Sérgio, foi posta em destaque (itálico) pelos editores, caracterizando que não seria uma simples amizade. Como já afirmamos, não houve nenhum diálogo de caráter íntimo/afetivo entre os rapazes, contudo, pela forma como as ações foram desenvolvidas, acreditamos sim que Sérgio foi namorado de Inácio. O sentimento foi tão forte que pela primeira vez o personagem de Dennis Carvalho criou coragem para enfrentar a mãe e sair de casa. Ao final da nota, o redator diz que Chica forçaria um casamento com Leonor, com o intuito de mascarar a sexualidade do filho perante a sociedade. Na verdade, foi o próprio Inácio quem propôs casamento a Leonor, para agradar o pai, que estava muito doente. Na ocasião, Inácio estava muito triste pelo fato de Sérgio ter abandonado o apartamento sem grandes explicações. Tudo foi, na verdade, mais uma armação de Chica. A matriarca ofereceu uma grande quantia de dinheiro para o “amigo” do filho deixar o país. Desolado, Inácio volta à casa dos pais. Antes de chegar à mansão encontra Leonor (Renata Sorrah) aos prantos, pois acabara de romper o romance com Bruno (Jardel Filho), sobrinho de Vitor. Inácio, também desiludido, propõe um casamento de fachada com Leonor, o que é aceito.

Na noite do casamento, Sérgio reaparece na casa dos Newman e explica a Inácio o ocorrido, mesmo assim o rapaz não desiste de casar com Leonor, pois sabe que esta seria a última alegria que poderia dar ao pai. No momento da assinatura da certidão de casamento, Vitor morre. Tal conflito ocorreu durante o mês de dezembro.

No mês de janeiro a rede Globo fez uma pesquisa sobre o personagem mais popular da narrativa. Entre os homens, Inácio foi o vencedor. Um dos motivos seria a falta da percepção por parte de alguns setores de sua homossexualidade. Muitos o viam apenas como “o mais simpático”. Tal pesquisa foi assunto de alguns colunistas.

Recente pesquisa da Globo determinou os mais populares personagens de *Brilhante*. Entre os homens, lidera Inácio (Denis Carvalho), seguido de Sidney (José Wilker) e Paulo César (Tarcísio Meira). Entre as mulheres, a liderança está com Isabel (Renée de Vielmond), seguida de Chica Newman (Fernanda Montenegro) e, depois, por Luiza (Vera Fischer). (RISENBERG, 13/01/82, p. 82).

Muito mais feliz do que Denis Carvalho ficou um grupo de atores da Globo ao saber que o personagem Inácio, o homossexual de *Brilhante*, é o mais popular da novela. Se o personagem é popular imaginam esses animados atores. (CANDINHA, 13/01/82, p. 60).

O que parecia impossível acontece: Leonor apaixonou-se por Inácio e exige que o marido lhe dê atenção. Próximo ao fim da trama, Chica apaixonou-se pelo seu motorista, Carlos (Cláudio Marzo), e se redime de suas vilanias. O último capítulo é marcado pelo pedido de perdão de Chica a Luísa, pelo franco diálogo com o filho, em que aceita sua opção pelos estudos de música clássica e o envolvimento com Cláudio (Buza Ferraz), namorado músico de Inácio.

A entrada de Buza Ferraz no elenco de *Brilhante* repercutiu bastante na mídia. A revista *Amiga* trouxe na edição nº618 os atores Denis Carvalho e Fernanda Montenegro na capa com a seguinte chamada “O novo e proibido amor de Denis Carvalho na Televisão”. A revista estava se referindo a Cláudio, personagem de Buza Ferraz. O tom da capa não foi o mesmo utilizado na reportagem que utilizou a palavra “amigo” para caracterizar a relação de Inácio e Cláudio.

... o fim de Leonor (Renata Sorrah) e Inácio (Denis Carvalho) já parece claro: cada um para o seu lado. Leonor, apaixonada por um marido de mentirinha, não tem outra saída que não seja a solidão. Inácio, por sua vez, encontrará num novo **amigo** o apoio de que precisava. Este personagem deverá ser interpretado pelo ator Buza Ferraz, que participou de *O amor é nosso*. Para o desenlace, falta pouco. Basta esperar. (TAVARES; SILVA, 24/03/82, p. 40-41).

No interior, uma grande foto de Dennis Carvalho com Buza Ferraz e a legenda “o aparecimento de um amigo (Buza Ferraz) de Inácio (Denis Carvalho) é gancho para o final de *Brilhante*”. O amor “proibido” expresso na capa, não foi retomado em nenhuma retransmissão da reportagem.

Todos os diálogos entre Inácio e Cláudio foram marcados pela descontração. Os problemas pessoais de ambos não foram tônica de nenhum. Inclusive em todas as cenas em que Cláudio apareceu, Inácio estava sempre junto. Nesse momento Chica não está mais preocupada em “atrapalhar” a vida do filho, pelo contrário, quer a felicidade dele. No último capítulo, enquanto Inácio se prepara para um concerto musical Chica tem um fraterno diálogo, justificando que os erros por ela cometidos não foram com o intuito de prejudicar o filho.

CHICA: (*meiga*) Eu queria que você entendesse o que nós fizemos por você. O nosso processo. Em 67, lá em Viena, quando você parou seus estudos de piano. Nós agimos muito mal, muito mal. Nós forçamos você a aceitar um esquema de vida, para o qual você não tinha menor inspiração em nível nenhum. Nós escolhemos por você, num é isso? Nós queríamos viver a sua vida, que loucura é isso meu filho; que loucura. E não foi por falta de amor não. Isso que é o que mais tenho. Foi por amor. Acho que foi falta, sabe, de uma vida mais rica, mais liberta, uma visão de vida maior. Acho que foi isso. Eu reconheço que nós sufocamos você a vida inteira. Queríamos que você vivesse uma vida que não é sua. Que casasse e que tivesse filhos. Que se estruturasse segundo a nossa visão, para um dia você ocupar o lugar do seu pai. Que erro meu filho, que erro. Que triste, não é? (*Inácio concorda fazendo gestos com a cabeça*)

CHICA: Esquecemos que você tinha uma vida, sua, um ser humano diferente de nós. Uma vida pra ser feita por você. Um caminho pra você percorrer, mas nós fizemos isso por amor. Tinha ali a ganção, tinha repressão, castração, em cima de você, tudo isso. Mas tinha também amor, por incrível que pareça. É complicado.

INÁCIO: Você está querendo se responsabilizar pelo jeito que vocês me educaram e me criaram a vida inteira?

CHICA: Estou querendo nos explicar, eu e seu pai, nos justificar.

INÁCIO: Ah, porque se não o papo fica aquele negócio que vocês eram os vilões e eu era o garotinho indefeso, num é, que fazia tudo que vocês mandavam e não era nada disso, num é. Eu acho que cada um é responsável por tudo que faz na vida. Tudo! É claro que tem contingências, tem momentos em que não se pode fazer, mas geralmente é a gente é responsável por tudo que faz da vida. Eu sou o responsável por ter parado de estudar piano aos 21 anos de idade. Eu era adulto, portando eu era o responsável. Eu sou responsável por não ter sido aceito nessa casa da maneira que eu sou, do meu jeito. Porque eu não lutei por isso, eu não lutei para que vocês me aceitassem. Sabe a única maneira, a única vez que eu não agi covardemente foi quando eu comprei a barra de sair de casa, lembra? Comprei a barra de ficar sem grana, de ficar tocando naquele barzinho lá que você chamava de imundo.

CHICA: Por preconceito!

(...) (BRILHANTE, capítulo 155)

O diálogo mostra nas entrelinhas que Chica aceitou a homossexualidade do filho e se preocupa em justificar suas atitudes (e também as do marido). Inácio não se faz de coitado, disse que poderia ter evitado algumas coisas no relacionamento dele com a mãe, porém se mostrou impotente e covarde, preferindo se refugiar no álcool. Provavelmente graças a Cláudio ele deu uma guinada na vida. Separou-se de Leonor e foi para os Estados Unidos com o namorado. A cena final de Inácio na telenovela se passou no aeroporto do Galeão. Inácio e Cláudio viajariam para os EUA e Chica estava lá para despedir e desejar sucesso ao filho.

Resumindo a ópera, Inácio pôde vivenciar dois romances homossexuais na narrativa, embora sem nenhum diálogo mais íntimo. O casamento de fachada com Leonor representa uma crítica e conseguiu mostrar que não trouxe um ideal de felicidade para ambos. A audiência, que talvez não tenha entendido o personagem em toda sua extensão, aprovou a forma sensível como foi retratado. De certa forma, foi Inácio o “mocinho” da trama; sendo sua própria mãe a maior “rival”.

Felix, o novo protagonismo na novela Amor à Vida, de Walcyr Carrasco

Mais de trinta anos depois, Walcyr Carrasco criou outro personagem homossexual pertencente ao núcleo de protagonistas. Trata-se de Félix (Mateus Solano), da telenovela “Amor à Vida”, que estreou no dia 20 de maio de 2013, indo até 1º de fevereiro de 2014, somando 221 capítulos. A história gira em torno do médico César Khoury (Antônio Fagundes), de sua mulher Pilar (Susana Vieira) e dos filhos: Félix e Paloma (Paolla Oliveira).

As cenas iniciais da trama, datada de 2001, mostra a família Khoury em Machu Picchu, no Peru. O motivo da viagem foi a aprovação de Paloma no curso de medicina, realizando o sonho de seu pai. Logo na primeira cena é mostrado um conflito entre Pilar e Paloma: a mãe, além de não estar satisfeita com a viagem (pois preferia estar em alguma cidade europeia), não acredita que a filha realmente vai concluir o curso, pois já iniciara as faculdades de Artes Plásticas e Direito. O primeiro capítulo também revela o ciúme de Félix em relação à irmã. O garoto, no fundo, está

descontente em saber do amor do pai em relação à filha, pois o mesmo pretende assumir o posto do pai na direção do hospital San Magno, de propriedade de César. Félix não conseguiu cursar medicina, mas concluiu o curso de administração. Félix é casado com Edith (Bárbara Paz) e tem um filho, Jhonatan, e faz de tudo para obter atenção e reconhecimento do pai.

Félix é apresentado como o grande vilão da trama. Após intrigar a irmã com Edith, e se ver sozinho com a irmã no trem, retornando para Cusco, revela a Palomaque ela é adotada e a incentiva a buscar sua “liberdade”. Nesse ínterim, Paloma conhece Ninho (Juliano Cazarré) e decide fugir pelas montanhas. Ao descobrir que estava grávida, decide retornar ao Brasil. Sem dinheiro para comprar as passagens, Ninho é aconselhado pela amiga Alejandra (Maria Maya) a deixar a Bolívia com drogas. Ninho é pego pela polícia e vai preso. Paloma chega ao Brasil e é aconselhada pelo irmão a não falar nada da gravidez para os pais. Félix consegue libertar Ninho da prisão e novamente convence a irmã a fugir com ele. No dia da fuga, Pilar descobre a gravidez da filha e César tem um infarto. Paloma foge novamente com Ninho e acaba tendo o filho no banheiro de um bar. Félix, a pedido de Pilar, vai atrás de Paloma. Ao encontrá-la deitada no banheiro, pega a criança e a joga em uma caçamba de lixo.

Há de ressaltar, que embora com comportamento efeminado e utilizando expressões como “salguei a Santa Ceia”, o primeiro capítulo não marcou Félix como homossexual. Pelo contrário, a sexta cena deste capítulo mostra uma tórrida cena de sexo de Félix e Edith.

Tal revelação, contudo, não se alonga. Logo no segundo capítulo Edith reclama que Félix passa muito tempo no computador e desconfia que ele tem uma amante. No terceiro, sabemos que Félix está falando com “Anjinho”. Edith descobre e decide segui-lo até o local do encontro. O encontro relava que “Anjinho” (Lucas Malvacini) é um homem, Edith é impedida pela sua mãe, Tamara (Rosamaria Murtinho), de fazer um escândalo. Já em casa, Edith revela o que viu para Félix e planeja se divorciar.

No quarto capítulo, no auge da discussão, Félix diz a Edith que seu pai jamais admitiria sua separação. Félix revela que cometeu um deslize e prometeu que jamais voltaria a sair com outros homens. O diálogo é franco, Félix assume que desde criança percebia sua homossexualidade e que sempre lutou para escondê-la e não vivenciá-la. Diz ser feliz assim, como “pai de família” e implora para Edith não deixá-lo. Félix então promete “voltar para dentro do armário e trancar a porta com um cadeado”. Félix bloqueia os cartões da esposa e faz com que a mesma desista do divórcio. Neste mesmo capítulo há uma passagem de 12 anos. Paloma já é uma médica formada, mas ainda vive à sombra do passado. Félix aparentemente não se envolveu com nenhum outro homem.

Ainda no primeiro mês da trama é apresentado ao público um casal homossexual, formado pelo carismático Niko (Thiago Fragoso) e o advogado Eron (Marcello Antony). Logo na primeira

cena dos dois, durante o café da manhã, é revelado ao público o desejo de ambos serem pais. Como opção, a inseminação artificial. Niko tem um restaurante japonês em um shopping vizinho ao hospital San Magno. Certo dia, Paloma e a médica Amarilys (Danielle Winitys) vão almoçar no estabelecimento de Niko. Amarilys e Niko são amigos de infância. Niko conta os planos de ser pai e Amarilys oferece ajuda. Niko e Eron confiam na médica, que se propôs a ser a barriga solidária. O que ambos não sabiam é que Amarilys também foi doadora do óvulo, prática proibida pela medicina, mas feita com a ciência do médico Laerte (Pierre Baitelli). Com problemas para engravidar, e com a desculpa de ser o melhor para Niko, Amarilys seduz Eron. Amarilys engravida e acredita ser Eron o pai da criança. A médica cria um clima e consegue separar os dois. É importante registrar que a música que serviu para embalar o romance de Eron e Niko, *Proud*, entoada por Heather Small, foi uma das músicas mais executadas no seriado norte-americano *Queer as Folk*, ainda hoje o programa televisivo que conseguiu retratar melhor o cotidiano de homossexuais masculinos.

Nesse ínterim, Félix continua sua vilania. Tal traço, aliado a um humor sarcástico, renderam-lhe o apelido de “bicha má” e inevitáveis comparações com Carminha (Adriana Esteves) de “Avenida Brasil” (Rede Globo, 21h, João Emanuel Carneiro, 2012) – a grande vilã desta década. Nesse momento, surge na trama Aline (Vanessa Giácomo), secretária e futura amante de César.

Félix encontra Anjinho por acaso e reatam o namoro. Edith volta a desconfiar do marido. Com a ajuda de Aline, Edith consegue fotos do romance de Anjinho e Félix e, durante um jantar na casa dos Khoury, revela a homossexualidade do marido. Nesse ponto a telenovela mostra de forma clara e direta toda a homofobia no ambiente familiar. Durante semanas vimos César humilhar o filho. Inclusive, a vilania de Félix passa a ser explicada pela rejeição de seu pai. Paloma e a avó materna do garoto, Bernarda (Nathália Timberg), são as responsáveis por acalentá-lo.

Aline fica grávida e convence César a se casar com ela. Paloma descobre que Paulinha (Klara Castanho) é sua filha e, após idas e vindas, se casa com Bruno. Três meses após a descoberta da homossexualidade de Félix, outra bomba explode na família Khoury. Edith conta para César que Félix jogou a Paulinha em uma caçamba de lixo. Junto com Bruno, César reúne provas contra o filho. No dia do casamento de César e Aline o patriarca vai até a casa da ex-mulher e conta para todos a verdade. Pilar, que sempre apoiou o filho, o expulsa de casa.

Sem trabalho e sem dinheiro, Félix aceita a ajuda de Márcia (que chegou a ser sua babá) e vai morar com ela. Podemos considerar essa a segunda fase do personagem, o período em que Félix, com o amor de Márcia, passa a dar valor aos sentimentos e se arrepende de tudo que fez. Félix, inclusive, começa a vender *hot dog* e ajuda a ex-chacrete a cuidar da neta Marijeyne (a mãe da criança, Valdirene (Tatá Werneck), nesse momento da narrativa, está no Rio de Janeiro tentando

uma vaga no Big Brother Brasil e deixa a filha sob a responsabilidade da avó). É também neste momento que Félix começa a se aproximar de Niko. Niko está abalado com o término do namoro com Eron, disputa a adoção de Jayminho (Kayky Gonzaga) e quer provar que Fabrício é na verdade seu filho, e não de Eron. Então, nos é revelado que a última inseminação artificial feita por Amarilys fora realizado por outro médico (e não o Laerte) que inseriu outro óvulo, que não o de Amarilys. O resultado do exame de DNA provou que Niko era o pai do menino. A dermatologista, inclusive, tentou sequestrar Fabrício, sendo Félix o responsável por ajudá-lo a recuperar o filho.

Começa, então, a terceira fase de Félix. Niko, ao fazer compras de Natal para as crianças do orfanato de Jayminho, na “famosa” rua 25 de março, em São Paulo, descobre que Félix está trabalhando como vendedor de *hot dog*. Emocionado com a cena, Niko procura Pilar e a convence de que o filho mudou. Pilar perdoa Félix e o leva de volta para a mansão, com a condição de que se arrependesse e pedisse desculpas por todos os males que havia cometido. A aproximação de Niko e Félix ganhou o público, cansado das idas e vindas de Paloma e Bruno e demais romances heterossexuais do folhetim. Niko e Félix foram, na verdade, o casal de “mocinhos da trama”.

Outra “boa ação” de Félix foi tentar alertar o pai de que Aline o enganava, sendo responsável, inclusive, pela cegueira do médico. Mesmo provando que Aline era uma bandida, César não se convenceu. Ao ouvir da própria esposa que nunca o havia amado, o médico tem um AVC. Fragilizado, passa a aceitar os cuidados do filho.

Junto com Niko e as crianças (Jayminho e Fabrício), Félix vai morar com o pai em uma casa de praia. O último capítulo emocionou os telespectadores seja pela cena do beijo entre Niko e Félix, ou, especialmente, pela cena final em que César pede perdão ao filho.

CASA DE PRAIA – DIA

Niko e Félix acabam de tomar café da manhã. Adriana leva Jayminho e Fabrício para a escola.

FÉLIX: Ai, eu realmente devo ter salgado a Santa Ceia para você ter me transformado em um pai de família.

NIKO: Eu tenho meus segredos, tá?

FÉLIX: Segredos... Ah...

NIKO: Eu tenho que ir para o restaurante

(plano sequência, Niko e Félix caminham pela casa até chegar na cozinha)

FÉLIX: Ah, não... não... fica mais um pouquinho, Niko...

NIKO: Félix... o restaurante é novo, eu preciso estar presente...

FÉLIX: Ah, mais só mais um pouquinho... Daqui a pouco o meu dia começa também. Vou levar papi soberano para tomar um banho de sol.

NIKO: Ai que ótimo.

FÉLIX: Você sabe que esses banhos de sol tem feito muito bem ao papi.

NIKO: Também acho

FÉLIX: É, tô achando ele melhor...

NIKO: Sabe o que eu acho também...

FÉLIX: O quê?

NIKO: Que ele já acostumou com a minha presença aqui nesta casa.

FÉLIX: Se conformou, você quer dizer né?

NIKO: É... Eu só sinto que ele ainda queira fazer as refeições sozinho, né... tadinho... nem jantar ele vem jantar com a gente.

FÉLIX: Mas isso é vergonha.

NIKO: Vergonha?

FÉLIX: É... ele ainda está com dificuldades com a mão esquerda, eu sempre tenho que ficar ajudando ele a comer e mesmo assim sempre acaba caindo alguma coisa. Papi ainda é soberano, Niko. Orgulhoso...

NIKO: É verdade...

FÉLIX: Mas que dia que eu vou ter hoje... depois que chegar a enfermeira para ficar com o papi eu vou ter que ligar para o contador, acredita?

NIKO: Ah, números...

FÉLIX: É, pois é. Agora administrando dois restaurantes eu preciso cuidar de cada centavo. Cada peixe que você vende naquele restaurante. Se não é o apocalypice (sic).

NIKO: (*rindo*). Os restaurantes estão ótimos. Você é que é encanado, tá?

FÉLIX: Tá bom...

NIKO: Deixa eu ir trabalhar...

(*Niko dá um beijo no rosto de Félix, Félix puxa Niko pelos braços. Os dois param de andar, a câmara foca um olhando diretamente no olho do outro*)

FÉLIX: Ah, não... (*rindo, feliz*). Fica mais um pouquinho...

NIKO: Eu vou ficar o dia todo pensando em você, tá?

FÉLIX: (*irônico*). Tá, mas veja se não vai pensar em mim quando estiver cortando a cabeça de um peixe. Pá! Socorro! (*risos*).

NIKO: Você tem que fazer piada de tudo, é?

FÉLIX: Ah... eu sou assim... (*pausa*). Acho que é o meu jeito de dizer.... (*pausa*). Você mudou minha vida!

(*Niko abraça Félix e sorri. Põe levemente as mãos nos cabelos de Félix*)

NIKO: (*emocionado*). Gostei. Ai Félix (*pausa*)... Eu não vivo sem você.

FÉLIX: (*emocionado*). Eu é que não vivo sem você, Carneirinho.

(*os dois se beijam. O beijo dura 10 segundos. Após o beijo, há outros dois selinhos antes da despedida*).

FÉLIX: Vai que o salmão está te esperando.

(*os dois se despedem delicadamente*). (AMOR À VIDA, capítulo 221).

A cena, com 1 019 452 visualizações, pode ser encarada com uma das mais esperadas da nossa teledramaturgia. O beijo gay, *per se*, não é nenhuma novidade na televisão, mas o fato de envolver dois olímpianos e ser a cena mais esperada da trama, pode revelar outros tons de desigualdade. Mais do que o beijo, a cena serviu para mostrar que o amor homossexual é belo e natural. Uma análise atenta ao diálogo acima, revela que ele não passa de uma conversa cotidiana, entre um casal. O beijo não foi uma cena, mas sim parte significativa da despedida de um casal. A declaração de amor soou natural, romântica e certamente emocionou a todos. A catarse coletiva proporcionada pelo beijo não retirou a poética que pairou sobre a última cena do folhetim, que tentamos descrever a seguir, e, certos de que não soubemos transpor a beleza da mesma.

(QUARTO CÉSAR, CASA DE PRAIA)

FÉLIX: Papi soberano... Bom Dia! Vamos acordar né, tomar banho, ir à praia. Deixa que eu te ajudo. Levantar aqui, tomar banho...

(*César se levanta da cama*)

FÉLIX: Isso! Pronto! Depois botar uma roupa bem bonita, porque o doutor César não pode ficar mal vestido, né? Vem... 1, 2, 3, já!

(*César levanta apoiado no ombro de Félix*)

FÉLIX: Olha que dia bonito está fazendo lá. Isso... vem...

(*Corta. César está vestido roupas claras, óculos escuros e chapéu panamá. César está de cadeira de rodas e Félix segue empurrando em direção à praia. Ao fundo, 5ª sinfonia de Mahler*).

(*Félix e César chegam à praia. Félix tira o pai da cadeira de rodas e o põe em uma cadeira de praia. Os dois sentam, retiram o óculos escuro, e observam a imensidão do oceano*).

FÉLIX (*emocionado*): Sabe pai... (*pausa*). Eu te amo.

(Câmera focaliza César que está sério).
FÉLIX (*desolado*). Eu te amo...
CÉSAR: (*emocionado*). Eu também te amo...(*Câmara foca Félix, surpreso*) (*pausa*). Meu filho...
(*Félix começa a chorar, César também, porém de forma mais contida. Close-up na mãe de César que se aproxima da mão de Félix. Ao tocar a mão do filho, Félix começa a chorar copiosamente, embora tente disfarçar o choro. Félix dá a mão ao pai. Ambos estão emocionados. Félix sorri satisfeito. Um zoom-out, atrás das cadeiras, encerra a trama*). (AMOR À VIDA, capítulo 221).

Esta cena foi claramente inspirada no filme *Morte a Venezia* (*Morte em Veneza*, 1971) de Luchino Visconti, inclusive na utilização da mesma trilha sonora (a quinta sinfonia de Mahler). O filme de Visconti (que por sua vez foi baseado no livro de Thomas Mann) ainda revela muitas outras aproximações com o folhetim de Carrasco. A morte de Aschenbach, na praia, com os olhos fixos no corpo escultural do jovem Tadzio, foi transposta para o perdão de um pai homofóbico que, por amor, perdoa o filho e ainda diz que o ama. Ao contrário de Félix, Aschenbach não pôde vivenciar seu amor. Um amor trágico, pois foi graças a este sentimento que o compositor permaneceu em Veneza e contraiu a febre asiática.

O último capítulo da trama de Carrasco teve uma duração de uma hora e vinte sete minutos, dos quais quase quarenta minutos (38:18) teve a participação de Félix. O anti-herói foi perdoado e alçado à categoria de mais importante personagem homossexual masculina da telenovela brasileira.

Considerações Finais

Um hiato de mais de trinta anos separa as tramas “Brilhante” e “Amor à Vida”. Comparar o eixo discursivo, ou seja, as palavras e sentidos ditos, é muito complicado. Além de termos que separar duas sociedades brasileiras, temos a ação da Censura à época de “Brilhante”. Se pegarmos o eixo dramático, em ambas há uma inovação muito grande. Inácio foi um personagem com forte carga psicológica. Além do mais, o texto de Braga soube direcionar a condição sexual do personagem de Dennis de Carvalho para cada tipo de público. A homossexualidade foi latente, logo muitos sequer a perceberam. Era necessário certo repertório para entender o personagem.

Já “Amor à Vida” não teve problemas com a censura federal. Palavras como “gay”, “bicha”, “viado”, ditos inclusive de forma pejorativa, foram exclamadas em diversos momentos. É de se louvar a forma como o ator Mateus Solano conduziu seu personagem. A estereotipia vista nos primeiros capítulos não diminuiu o personagem. O “alto grau de typicalidade”, defendido por Trinta, foi impresso pelo autor. Embora com gestos e expressões efeminadas, Félix foi único, incomparável. O mesmo louvor deve ser dado a Thiago Fragoso e a doçura de Niko. Assim como Inácio, Félix e Niko representam um marco, pois conseguiram vencer barreiras e gerar torcida. O direito à homoparentalidade, tão discutido na atualidade, também foi posto em cena, de forma

delicada e sensível, tanto que ninguém teve dúvidas que Niko (com Félix) seria(m) o(s) melhor(es) pai(s) para Jayminho e Fabrício.

O forte grau de prototopia dos personagens faz de “Brilhante” e “Amor à Vida” as telenovelas que conseguiram modificar (e desmistificar), através do recurso comunicativo da telenovela, a imagem homossexual e mostrar que o amor entre iguais é possível. Ambas também mostraram que diversas vezes o maior preconceito reside no ambiente familiar. As figuras déspotas representadas por Chica e César mostram o quão a repressão sexual é prejudicial aos filhos. Acreditamos que as comoventes cenas do perdão recíproco de Chica e Inácio e César e Félix tenham inspirado outras famílias. Outro ponto comum das narrativas foi a vida dupla que ambos tiveram que assumir para enfrentar a sociedade: Inácio e seu casamento com Leonor e o de Félix com Edith. Inácio foi mais sincero com Leonor ao deixar claro que o casamento era apenas de fachada. Já Félix com Edith provou como esse tipo de união pode ser prejudicial para ambos, especialmente quando existe a figura do filho.

Referências

- ANGEL, Hildegard. Por dentro da TV, **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1981, p. 32.
- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.
- BRANDÃO, Cristina; FERNANDES, Guilherme Moreira. A vilania feminina na telenovela: alianças com o banditismo. In: XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM. **Anais...** Intercom; UFAM: São Paulo; Manaus, 2013.
- CANDINHA. No pé do ouvido. Mexericos da Candinha. **Revista Amiga**, Editora Bloch, Rio de Janeiro, nº 608, 13 de janeiro de 1982. p. 60.
- FERNANDES, Guilherme Moreira. **A representação das identidades homossexuais nas telenovelas da Rede Globo**: uma leitura dos personagens protagonistas no período da censura militar à televisão. 2012. 362f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- HAMBURGER, Esther. **O Brasil Antenado**: a sociedade da novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- JOÃO PAULO ADOUR: HOMOSSEXUAL É VÁLIDO TAMBÉM. Coluna Jornal, **Revista Sétimo Céu**, Editora Bloch, Rio de Janeiro, nº305, novembro de 1981. p.3-5.
- LOPES, Maria Immacolata V. A telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**. Ano 3, nº 1, São Paulo: ECA-USP, 2009. p. 21-47.
- RISEMBERG, Arnaldo. Renée lidera a preferência. **Revista Amiga**, Editora Bloch, Rio de Janeiro, nº 608, 13 de janeiro de 1982. p. 59.
- SADEK, José Roberto. **Telenovela**: um olhar do cinema. São Paulo: Summus, 2008.
- TAVARES, Mariza; SILVA, Márcia Pereira da. As últimas emoções de Brilhante. **Revista Amiga**, Editora Bloch, Rio de Janeiro, nº 618, 24 de março de 1982. p. 40-41.
- TRINTA, Aluizio Ramos. Televisão e formações identitárias no Brasil. In: LAHNI, Cláudia e PINHEIRO, Marta. (org.) **Sociedade e comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 31-50.
- ULRICH, Hans. **Produção de Presença**. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2010.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007. p. 7-72.